

## História Oral e Fotografia: desafios metodológicos

Ana Maria Dietrich

*Docente de História Contemporânea do DAH - UFV*

*Doutora em História Social*

*Pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral - USP*

**Resumo:** Enfoca a relação entre história oral e fotografia, apresentando possíveis caminhos metodológicos da fotografia como objeto biográfico da História Oral e/ou das entrevistas de História Oral como subsídios para a análise fotográfica tanto no que diz respeito ao conteúdo iconográfico quanto a seus aspectos físicos. Serão analisadas entrevistas com alemães relacionados com o nazismo no Brasil, familiares do líder do Partido Nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel e um integrante da Juventude Hitlerista em Presidente Bernardes (SP). A partir destas narrativas, foram feitos alguns entrecruzamentos com a fotografia.

**Palavras-chaves:** História Oral, Fotografia, Nazismo, Brasil.



*Grupo do partido nazista de Hamburger berg (RS) em marcha em 1933*

## História Oral e Fotografia: desafios metodológicos

A partir da perspectiva da recuperação de uma memória, a fotografia pode funcionar como *objeto biográfico*, que no decorrer das entrevistas poderá potencializar a performance narrativa. *Objetos biográficos* são entendidos aqui - dentro da concepção de Janet Hoskins - como expressões materiais que guardam alguma relação com a vida da pessoa que o possui. Os objetos funcionam como catalisadores de memórias afetivas por marcar determinados momentos da vida de seus proprietários e permanecer durante um tempo considerável na presença de seu possuidor (HOSKINS, op. Cit)<sup>1</sup>.

Na contemporaneidade as imagens agregam um grande valor no cotidiano dos indivíduos, as fotografias – como o instante congelado – funcionam muito bem neste contexto. Ao relatar as histórias de vida, é comum se voltar aos retratos, guardados em gavetas cuidadosamente e preservados em folhas amarelas de álbuns de fotografia. A imagem retratada por uma objetiva tende a funcionar como uma marca selecionada pelo próprio colaborador e eleita como representativa de seu passado. Quando um colaborador abre seus álbuns em uma entrevista, simbolicamente, é como se revelasse toda sua vida. Um importante passo é dado.

Em outra vertente, entrevistas podem servir como subsídio para a identificação, datação e análise de uma fotografia ou série fotográfica. Neste caso, um grupo especial de colaboradores é os próprios fotógrafos, que, produtores do registro, possuem informações enriquecedoras como o tipo de técnica, o tema fotografado e os arredores tanto espaciais quanto temporais. No caso de fotografias mais antigas, familiares e conhecidos destes fotógrafos se tornam potenciais colaboradores. Sugere-se também a realização de entrevistas para avaliar e identificar técnicas de determinado registro fotográfico recuperando-se elementos da História da Fotografia.

---

<sup>1</sup> Ver também a análise de Juniele Rabelo sobre a autora em „Objeto Biográfico e Performance Narrativa: Questões para História Oral de vida“. [www.filch/dh/neho/forum](http://www.filch/dh/neho/forum)

Ao se observar fotografias antigas de cenas urbanas, muitos ficam intrigados com a presença de fantasmas, espécies de borrões do papel revelado. O que acontecia era que, como o tempo de exposição era muito longo, caso as pessoas se movessem ao serem fotografadas este efeito era criado. Detalhes interessantes como o uso da clara de ovo para fixação da imagem e o uso do suporte das fotos em vidro, metal e madeira fizeram parte da História da Fotografia em fins do século XIX e início do século XX. Em arquivos fotográficos, Museus e Centros de Memória, o conhecimento das técnicas, da autoria, a datação, a identificação de temas pode ajudar na atribuição de valor e de importância de determinado conjunto documental e as entrevistas são imprescindíveis para isto.

### **A contribuição das entrevistas**

#### *Organização e identificação de arquivos documentais fotográficos*

Pode-se mais facilmente verificar a procedência, identificação e atribuição da importância de álbuns fotográficos, negativos de fotografias, fotografias avulsas.

Ao contrário de documentos escritos, as fotografias, pinturas e iconografia, em geral, não contém inscrições que as datem ou contextualizem. Neste caso, além da análise do próprio conteúdo e técnicas de fabricação, faz-se necessário o uso de entrevistas para a identificação da foto.

#### *Bancos de memória*

Torna-se possível a gravação e preservação de entrevistas e das fotografias a elas correspondentes em uma mesma mídia, possibilitando a comparação entre ambas.

Os temas abordados nas entrevistas podem ser relativos a um passado recente, ou mesmo, ao chamado tempo presente. Sugere-se, por exemplo, que, no caso de uma reforma de determinado edifício histórico, entrevistem e fotografem seus participantes: engenheiros, arquitetos, mestres de obra e ajudantes em geral e pessoas da região que podem fornecer suas impressões e diferentes opiniões sobre o evento. O mais importante é que estas entrevistas façam parte de um projeto específico que enfoque determinado tema de interesse da instituição.

No caso exemplificado, o projeto em História Oral poderia ser a recuperação do processo de reforma e o impacto na região.

### *Campanhas para arrecadar fotografias*

Muitas instituições de resguardo à memória conseguem mobilizar a comunidade local por meio de campanhas, nas quais as pessoas não só seriam entrevistadas para determinado projeto, como também doam documentos e fotografias. Quando participei da elaboração do projeto museológico do Museu de Itu, foi feita uma pesquisa sobre a história do Sobrado que iria sediar o museu. Habitado pela elite das famílias de aristocratas rurais e políticos locais do século XVIII e XIX, o Sobrado guardava parte da memória da cidade ligada ao café. Ao se fazer à campanha, foram recebidos dos moradores de Itu muitos materiais utilizados na exposição. Muitas destas pessoas também foram entrevistadas. Tanto se utilizou a fotografia como objeto biográfico, quanto os colaboradores auxiliaram na identificação e de datação das fotografias. Além da riqueza deste tipo de experiência, houve como consequência importante deste projeto o envolvimento da comunidade local nesta busca pela memória da cidade.



Largo São Francisco, São Paulo (SP), ca.1900. Acervo da Fundação Energia e Saneamento

Foram formadas *redes* por meio da indicação dos próprios entrevistados, facilitando o trabalho do entrevistador no contato inicial. Lembro de um caso especial, de um senhor, que indicado por outro morador da cidade, conversou muito conosco (pesquisadora e fotógrafo) e, em um determinado momento, quando havia se estabelecido (ou pelo menos se iniciado) um processo de confiança, como em uma espécie de recompensa, depois de quase uma hora de conversa, ele foi buscar em suas gavetas de recordação uma caixinha repleta de fotografias de seu passado. Com muita emoção, abriu a caixinha e foto a foto comentou-as, e, em muitos momentos se emocionou se lembrar do momento do qual a imagem se remetia.

*O que o casamento da História X Fotografia pode produzir*

#### ► **História da fotografia e dos fotógrafos**

Convém ressaltar que a fotografia tem início na segunda metade do século XIX. E, os aspectos retratados por ela, relacionam com a história contemporânea. A fotografia, assim como o cinema, é fonte exclusivamente da contemporaneidade.

Como exemplo da maneira de se usar entrevistas para esclarecer pontos obscuros da História da Fotografia pode-se citar a biografia de fotógrafos do século XIX e início do século XX como Guilherme Gaensly (DIETRICH, Ana Maria, 2001b), Augusto Malta e Militão Azevedo .

#### ► **História da técnica**

Fotos que mostrem processos fabris ou tecnológicos de outras épocas.

#### ► **História da cidade**

Fotos que retratam reformas urbanas e a arquitetura local.

#### ► **História de uma instituição.**

#### ► **História de diversos aspectos da sociedade “retratada”**

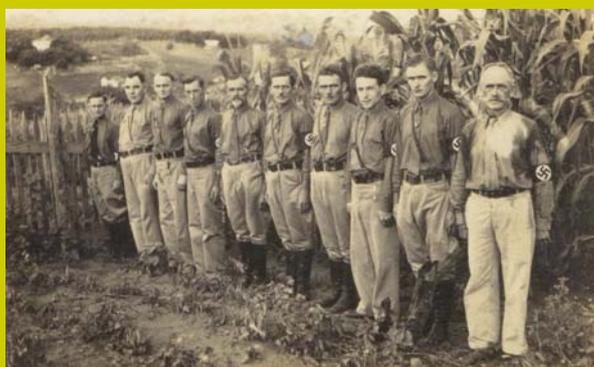
Hábitos, costumes, profissões, elementos relacionados à natureza X meio ambiente, variedade étnica X imigração, etc.

### Uma foto, uma história:

#### Lembranças da juventude hitlerista de Presidente Bernardes (SP)

Presidente Bernardes é uma pequena cidade do noroeste do estado de São Paulo com cerca de 11 mil habitantes, distante 8 horas de ônibus da capital. Atualmente, a cidade é conhecida pela presença do presídio de segurança máxima - localizado nos limite da cidade — Centro de Readaptação Penitenciária (CRP). Mas, não foi sempre assim.

Nos anos de 1930 e 1940, Presidente Bernardes foi um pólo de chegada de imigrantes de toda parte da Europa. Muitos vinham, desde o porto de Santos, em carros puxados por bois e carregados de banana e outros produtos tropicais. O destino? Fazendas, sítios ou pequenos lotes de terra. Construíam suas casas, muitas vezes em barro e sapé, e plantavam o que comer: arroz, feijão e milho. Um modo de vida muito diverso do que estavam acostumados na Europa.



Grupo nazista da cidade de Presidente Bernardes posa em uma plantação, década de 1930



Grupo de Nazistas em Presidente Bernardes, dec. de 1930.

Entre estas famílias, encontravam-se imigrantes alemães, como por exemplo, a família de K. B.<sup>2</sup>. Em entrevista, ela contou o envolvimento de sua família com o nazismo — K. foi membro da Juventude Alemã de Presidente Bernardes e seu pai, G., diretor do partido nazista em São Paulo. O avô, F. D., segundo os autos policiais e seu depoimento, também era do partido (“um nazista fanático, mas um santo homem”, afirmou).

K. concedeu esta entrevista estimulada por uma reportagem publicada na revista *Veja* de novembro de 2001 (CARNEIRO, M., op.cit), na qual foi publicada uma foto do acervo DEOPS-SP que retratou crianças da juventude hitlerista da cidade, entre as quais ela mesma, K.. Crianças de 1 a 12 anos posaram fazendo o famoso sinal de *Heil Hitler*, sob uma grande suástica e os cartazes com os dizeres: “Com a Alemanha triunfa o bem, perto do líder está a salvação” em meio a uma vegetação tropical de plantações de uva e de milho. Ao centro da fotografia, encontra-se o avô de K., F. D..



Em Presidente Bernardes, cidade do interior de São Paulo, crianças da Juventude Hitlerista fazem a saudação Heil Hitler, na década de 1930

A reportagem da *Veja* causou grande repercussão na cidade e K. - com a ajuda de um advogado local - pensou, inclusive, em processar a revista. Alguns anos depois, por intermédio de Aparecida Magrini, uma senhora de Presidente Bernardes, K. (hoje avó) procurou-nos com o explícito intuito de fornecer seu *testemunho* para a História. A entrevista

<sup>2</sup> A pedido da colaboradora, seu nome e de seus parentes serão omitidos.

rendeu quatro fitas cassetes, além da doação de fotos de álbuns de família. Sua irmã I., que também está na foto, se negou a dar entrevista e nos receber.

No processo da entrevista, as fotografias - tanto esta das crianças, quanto outras apreendidas pelo DEOPS-SP - foram utilizadas como objetos biográficos. No dia da foto, contou K., as crianças foram marchando e cantando canções nazistas pelas ruas de Bernardes, acompanhadas de D., até chegarem à chácara onde a foto foi tirada.

“Neste dia, lembro que nós crianças fomos marchando e cantando atrás de meu avô, F. D.. Lembro até hoje (*canta em alemão o hino de Horst-Wessel*): “Levanta a bandeira, as fileiras bem unidas e marcha com passos calmos e firmes”. Nós adorávamos! Foi a festa do Dia da Colheita, também comemorado na Alemanha. Nós costumávamos celebrar tanto as festas da Alemanha quanto as do Brasil. Você sabia que o aniversário de Getúlio Vargas era 19 de abril? Pois é, nós sabíamos! Nós sempre prestávamos homenagem a ele. 7 de setembro<sup>3</sup> era um dia que meu avô - que mal falava português - aprendeu a falar sobre Getúlio para toda esta piazada (*apontando a foto*). Ele era uma pessoa que achava que a gente devia amar a Pátria que morávamos. Não sei como foram escrever aquele horror dele (*se referindo à Revista Veja*). Ele foi uma pessoa fabulosa. Nem brasileiro sabia que era Dia de Bandeira, mas meu avô sabia. Ele falava para nós. Só lembro de um momento em que ele ficou meio espinhento, foi quando a Inglaterra entrou na guerra... Ele veio nos ensinar a marchar cantando (*canta em alemão*): “Então nós vamos, vamos contra a Inglaterra”.<sup>4</sup>

Este trecho da entrevista demonstrou que essas crianças repetiam meramente idéias ensinadas pelos adultos, cantavam seus hinos nazistas, aprendidos com seus pais e avós imigrantes, mas não se davam conta do conteúdo ideológico destas canções. Por exemplo, a canção de Horst-Wessel cantada por K., era um dos principais hinos da Juventude Hitlerista Alemã. A repercussão da propaganda nazista com a juventude foi em alguns casos decisiva. Irmãos e primos de K. resolveram ir para a Alemanha e acabaram permanecendo no país com a deflagração da guerra. Ao ouvi-la, tem-se uma nova dimensão de como foram difundidas as idéias nazistas em território brasileiro. Elementos como o anti-semitismo austero ou racismo corrente na Alemanha nazista, não apareceram no seu discurso. Ao contrário, no Brasil o

<sup>3</sup> Ela faz referência ao feriado nacional da independência brasileira, 7 de setembro, pois a entrevista foi realizada neste mesmo dia.

<sup>4</sup> Entrevista de K. B. a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia, com a presença de Aparecida Magrini. Presidente Bernardes, 7 set. 2006.

movimento nazista aparece como algo mais romantizado com colonos comemorando festividades do calendário alemão e cantando hinos que eram usuais no III Reich. K. passou a refletir sobre o que aconteceu na II Guerra, posteriormente, quando soube das atrocidades cometidas pelo III Reich. A partir daí, procurou ler e se informar mais do assunto:

“Por que não gostar de judeus? Eu não conheço nenhum judeu na vida, mas eu sabia que eles (alemães) não gostavam. Mas, eles tinham suas razões. Eles estavam passando fome. Meu avô voltou da Alemanha por causa disto. Mas ele nunca falou nada para nós. Eu era criança naquela época e não tinha condições de entender nada. Nunca tinha escutado nada contra judeus. Só comecei a entender mais tarde, quando li sobre o assunto. Mas não acreditava, porque meu avô era um santo homem. Era um nazista fanático sim, mas amava sua família e era adorado pelos netos e outras crianças alemãs da região. Costumava acordar todos os dias de manhã, bem cedo e ensinava as crianças a fazer ginástica”.<sup>5</sup>

Ao mesmo tempo em que K. admitiu que D. era nazista, reforçou em seu discurso o lado humano, familiar e bondoso do avô. Outros elementos estão presentes em sua fala: quando ela se referiu, por exemplo, às atividades de esporte ensinadas por ele, ela não demonstrou consciência que este era um dos preceitos básicos da Juventude Hitlerista - o culto ao corpo. Outro elemento foi a utilização de um patriotismo brasileiro para minimizar o reconhecimento da adesão ao nazismo de sua família. Ela afirmou que eles comemoravam festividades nazistas, mas ressaltou que também respeitavam o Brasil, chegando até a comemorar datas que nem os brasileiros conheciam bem — como o aniversário de Getúlio Vargas e o Dia da Bandeira.

Em outro momento da entrevista, comparando a trajetória dos judeus e alemães, ela afirmou que os judeus não foram “roubados” como aconteceu aos alemães no Brasil. Ela se referiu às apreensões de bens dos súditos do Eixo, após a entrada do Brasil na II Guerra, empreendidas pela Polícia Política. Neste momento, houve a tentativa de ser vista pela História como vítima do processo e não como “nazista algoz”. Para isto, contou, com detalhes emocionados, os atentados contra súditos do Eixo, feitos por moradores locais:

“Meu pai era nazista, mas os judeus, o que era isso? Nós não roubamos ninguém, mas o delegado roubou tudo que nós tínhamos. O delegado era um grandão... bêbado. Ele roubou uma coleção de moedas do meu pai.

---

<sup>5</sup>

Idem.

Levaram um rádio que tínhamos para ter notícia dos meus irmãos. Levaram tudo o que nós tínhamos”.

Eles também colocaram bombas para ameaçar. Eu vi pela veneziana de nossa mercearia quem era o “manda-chuva”. Meu pai fez um toco, amarrou uma corda e disse: “Se eles tacarem fogo, nós vamos saltar de uma das janelas”. Vizinhos nossos, Seu Joaquim e João Custodes, disseram a meu pai: “Deixe as meninas dormirem em outro lugar porque eles vão atear fogo na casa”. Mas, meu pai respondeu: “Então morremos todos”. (*sussurrando*) Aí eles não puseram. Seu João e meu pai dormiram atrás do balcão, armados para evitar que alguém invadissem. Aí meu pai mandou tirar a bomba de gasolina. Nosso bar chamava-se Germânia, mas mudamos para Bar Vitória. Aí eles escreviam com piche: “Vitória dos Aliados”. “Abaixo o III Eixo”<sup>6</sup>. Eu nem sabia o que era III Eixo!!!!<sup>7</sup>”.

Sobre as prisões do grupo nazista local, após a proibição do partido, tanto K. B. quanto outra entrevistada, sua prima E. G., afirmaram que os nazistas provocavam os policiais e atravessavam a cidade algemados em direção à cadeia cantando hinos nazistas:

“Enquanto nós estávamos aqui com Getúlio do lado do Eixo não teve problemas. Depois, quando Getúlio resolveu passar para outro lado começaram a perseguir alemães, japoneses, todo mundo. Mas os partidários do nazismo continuaram fazendo a mesma coisa, vestindo uniformes, usando suásticas e ia todo mundo para o xadrez. Eles sabiam disto, então provocavam, cantando hinos nazistas a caminho da prisão”.<sup>8</sup>

Tanto a entrevista de K. B. quanto a de Alfred Kepler, ambos ex-integrantes da Juventude Hitlerista, nos deram uma nova dimensão para esta problemática, humanizando-a. No caso da juventude, existem pessoas ainda vivas que podem prestar depoimentos. Com relação às outras agremiações partidárias, a maioria dos possíveis entrevistados - que na década de 1930 e 1940 tinham entre 20 a 40 anos - já faleceu.

<sup>6</sup> Acreditamos aqui que ela se refira ao III Reich ou ao Eixo. A expressão III Eixo é errônea.

<sup>7</sup> Entrevista de K. B. a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia, com a presença de Aparecida Magrini. Presidente Bernardes, 7 set. 2006.

<sup>8</sup> Entrevista de E.G. a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia. Presidente Bernardes, 8 set. 2006.

**Hans Henning von Cossel e a construção do herói**

Tanto para Gisela quanto para Jutta, seu pai, Hans Henning von Cossel, o líder do partido nazista no Brasil, era uma ótima pessoa. Elas fizeram questão de construir, com inúmeros bons adjetivos, a imagem do pai. Sobre seu papel como líder do partido nazista no Brasil, há poucas palavras. Elas dizem que não sabiam ou que não se lembravam, mesmo tendo convivido com ele até 1997, quando ele faleceu. Na entrevista de Gisela, não há quase nenhuma referência a seu pai como líder do partido nazista. Na imagem construída pelas duas, ele trabalhava na Embaixada, sempre ocupado com assuntos culturais e artísticos, nunca com assuntos políticos.

A documentação sobre von Cossel atestou simplesmente o contrário. Como líder máximo do nazismo no Brasil, ele manteve relações com os principais líderes do regime nazista, e por correspondência com o III Reich, indicando inúmeras informações sobre o momento político que o Brasil atravessava, mesmo depois do partido ter sido proibido. Foi editor do jornal *Deutscher Morgen*, que se autodenominava a folha semanal do partido nazista do Brasil.

A imagem que suas filhas revelaram foi a do outro lado da história, a humanização do líder. Seus hábitos, rotinas, seu papel enquanto pai, seu conhecimento de línguas, sua habilidade com comunicação e com as pessoas em geral. Uma face de Cossel, no entanto, se encontra em sintonia com a documentação oficial: o seu caráter conciliador junto à comunidade alemã. O problema, neste caso, é que as filhas enaltecem esta qualidade para ocultar as suas atividades políticas junto ao partido.

Um outro aspecto a ser considerado como hipótese é porquê Jutta e Gisela quiseram dar seu depoimento. Acreditamos que seja para dar um testemunho para a história, em uma espécie de “prestar contas” com o passado. Elas descreveram suas visões, como vivenciaram todos estes momentos e, o mais importante, a imagem que tinham do pai, quase que “inocentando-o” para a posteridade.

Os próximos tópicos são uma tentativa de retirar de suas narrativas, temas que representem a visão do pai que elas querem deixar registrado para o futuro. Não a do líder do partido nazista no Brasil, mas a de um bom chefe de família que gostava de viajar e nadar nas

praias de Ipanema, que era um benfeitor para a comunidade alemã e se comunicava muito bem. O presente artigo entende, porém, que, a face que mais funcionou para inocentá-lo foi aquela do Cossel ingênuo, que desconhecia o caráter do movimento que estava inserido, mesmo após chefiá-lo durante nove anos. Segundo Jutta, quando o pai voltou para a Alemanha e soube o que era verdadeiramente o nazismo e suas atividades “atrozes” - preferiu lutar nas frentes de ataque contra os franceses do que ficar a mercê do serviço burocrático do Ministério das Relações Exteriores.

### As faces de Cossel

#### 1ª - O aventureiro no país tropical

**Gisela:** “Cossel gostava de ir para o mato e nadar em Ipanema”

“Ele ia muito para Blumenau. Como ele contava, ele usava botas devido às cobras no mato e aí por diante. Isso lhe dava muito prazer. Não gostava de se sentar em uma escrivaninha.”<sup>9</sup>

No Brasil nós não morávamos diretamente no centro da cidade, nós morávamos um pouco afastados, em uma grande casa. Era bonita e não muito longe da praia. Eu devia ir à escola, mas minha mãe não podia passar um tempo agradável comigo. Meu pai tinha tempo aos sábados e domingos e ia muito à praia, porque ele podia nadar bem. Minha mãe não nadava muito longe da praia, mas eu nadava e eu nadava com ele”.<sup>10</sup>

#### 2ª - O viajante

**Gisela:** “Meu pai viajava muito”

“Meu pai viajou muito, mas minha mãe nunca foi junto. Eles tinham muitos compromissos de sociedade na embaixada. Os diplomatas estavam sempre em viagens. Ele nunca estava em casa. Ele trabalhava com gosto, História também o interessava”.<sup>11</sup>

#### 3ª - O comunicador / pacificador

<sup>9</sup> Entrevista de Ana Maria Dietrich com Gisela Ehrlich. Hamburgo (Alemanha), 23 nov.2003.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Entrevista de Gisela Ehrlich, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

**Jutta:** “Um bom interlocutor”.

“Meu pai era pessoa ponderada, ele não era bravo, minha mãe era mais brava. Ele lidava bem com as pessoas. Não era radical. Ele sempre se entendeu com as pessoas. Ele se expressava bem com as pessoas. Com os alemães e com os brasileiros (com ênfase)”.<sup>12</sup>

#### 4ª - A boa alma

**Jutta:** “Meu pai cuidava dos alemães no Brasil”:

“Nós sempre ajudávamos as famílias. Nós recebíamos dinheiro e roupas da embaixada alemã (...) mas também fizemos isto em São Paulo. Ele sempre cuidou dos alemães no Brasil”.<sup>13</sup>

#### 5º - O ingênuo

**Jutta:** “Ele disse: eu não colaboro com isto”

Segundo Jutta, quando o pai tomou conhecimento do que os nazistas haviam feito na Alemanha, não quis mais compactuar com aquilo. Para ela, esta teria sido a razão pela qual ele decidiu lutar novamente na II Guerra na Marinha e não ficar na administração em algum lugar do Ministério das Relações Exteriores.

“Que meu pai era importante, eu podia imaginar. Ele sempre recebeu muitas visitas dos alemães, de pessoas da terra. Se elas tinham necessidade, ou tinham problema, ele sempre procurava a embaixada alemã para ajudar. É uma tarefa da embaixada ainda hoje. (...) Sobre as relações da guerra, eu não posso dizer. Eu sei somente que, em 1942, nós viemos para a Alemanha. Nós fomos para Berlim para o Ministério das Relações Exteriores. Eles queriam o manter por lá.

Meu pai disse que ele os olhou e afirmou: “Nisto eu não colaboro”.<sup>14</sup>  
“Eu volto para a Marinha, eu fui da Marinha na I Guerra Mundial”. Antes do

<sup>12</sup> Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

<sup>13</sup> Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

<sup>14</sup> Aqui ela se refere ao regime nazista. Jutta afirmou que Cossel não quis participar das atividades do ministério para não se envolver politicamente com algo que ele não concordava e que só teve a dimensão a partir do momento em que viu o que acontecia na Alemanha. Ou seja, após 1942.

Brasil, na I Guerra, ele era soldado da marinha. O ministério não podia dizer não, porque ele tinha se inscrito voluntariamente.

Eu sei exatamente, porque, nós conversamos mais tarde sobre isto. Ele não queria trabalhar no Ministério, porque ele tinha visto o que aconteceu [política anti-semita]. Ele começou certamente a notar o que se passava na Alemanha e tomou cuidado. O que no Brasil não podíamos reconhecer. E então ele se inscreveu na Marinha”.<sup>15</sup>

## 6° O homem importante

### **Jutta:** “Encontro de von Cossel com Hitler”

“Meu pai também encontrou pessoalmente Adolf Hitler. Foi apenas uma vez durante toda a sua vida. Foi em 1936 ou 1934. Para fazer relatórios com ele. Ele não achou que Hitler fosse uma pessoa que causasse muita impressão. Ele não causou uma impressão de alguém especial. Ele [Hitler] era alguém que as pessoas precisavam elaborar relatório”.<sup>16</sup>

### **Gisela:** “O partido foi diferente no Brasil, garantido”

“O partido nazista no Brasil foi algo diferente, garantido. Como meu pai entrou, as pessoas pensam que ele sabia de tudo, mas não foi assim. No exterior, eu penso, não foi assim. Muitas pessoas na Alemanha também não sabiam. Na Alemanha tínhamos a I Guerra atrás, então veio Hitler e cuidou do desemprego. Alemanha acordou novamente<sup>17</sup> e, no exterior, as pessoas são mais alemãs que no interior porque existe um sentimento de Pátria”<sup>18</sup>

### **Jutta:** “Sobre o partido nazista no Brasil, organizava a parte cultural e das escolas”

“Sobre o partido nazista, ele organizava e cuidava da área cultural e das escolas. Eu acredito que era sua atividade principal, porque ele não se ocupava com os negócios, havia outras pessoas, eu acredito adidos comerciais. Ele visitava as colônias alemãs com certeza, isto ele contou, e sempre estava em algum lugar viajando. Não havia boas estradas (...)

<sup>15</sup> Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Aqui, Gisela faz uso de um dos maiores jargões da propaganda nazista: “Alemanha acorde”.

<sup>18</sup> Entrevista de Gisela Ehrlich, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo, 23 nov.2003.

Ele era responsável pelo jornal *Deutscher Morgen*. Falava platt [dialeto alemão] e escrevia platt. Ele também usava o rádio, provavelmente,

eu posso imaginar. Eu não lia ainda na época, era pequena. Foi tanto tempo que se passou (...) Eu não tenho idéia, eu não posso afirmar nada. Mas... o partido no Brasil... talvez tivesse muitos alemães, e, eles pensavam que era bom. Eu não sei nada, que houvesse tal partido. Nós éramos ambas muito pequenas.<sup>19</sup>



*Os alemães de Ijuí e Nova Württemberg (RS) comemoram a ascensão da Alemanha ao nazismo em 1933*

Por estes dois estudos de casos apresentados de pessoas que tiveram relacionamento direto ou indireto com partidários do nazismo no Brasil, procuramos mostrar a potencialidade da relação entre História Oral e Fotografia, em uma via de mão dupla, cujo cruzamento tende a enriquecer as reflexões sobre este período histórico.

---

<sup>19</sup>

Idem.

## Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah, *Origens do Totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- BOM MEIHY, José Carlos, *Manual de História Oral*, 5<sup>a</sup> ed., São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CARNEIRO, Marcelo, *Heil, Hitler. Novos Documentos contam a história do Partido Nazista no Brasil de Vargas*. Revista Veja, 14 nov. 2001, p. 81.
- CHAIDERMAN, Luana, “A reinvenção da palavra necessária, uma apresentação do filme Shoah de Claude Lanzmann”. In Fênix, revista de História e Estudos Culturais. Janeiro, fevereiro, março de 2006, vol. 3, ano III, n. 1.
- DALMOLIN, Cátia (org.), *Mordaça Verde-Amarela, Imigrantes e Descendentes no Estado Novo*. Santa Maria (RS), Pallotti, 2005.
- DIETRICH, Ana Maria, *Caça às Suásticas: o partido nazista em São Paulo sob a mira da polícia política*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2001 (a).
- \_\_\_\_\_ et all, *Alemanha*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1997.
- \_\_\_\_\_ et all. *Imagens de São Paulo: Gaensly no Acervo da Light*. São Paulo: FPHESP, 2001 (b).
- FOUCAULT, Vigiar e Punir. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- LOPES, Gustavo Esteves, *Ensaio de Terrorismo: História Oral do Comando de Caça aos Comunistas*, Relatório de Qualificação (Mestrado). FFLCH-NEHO, USP, 2006.
- SOUKI, Nádia, *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.